



APRENDIZAGEM RESSIGNIFICADA DIANTE DO ENSINO HÍBRIDO PÓS-CORONAVÍRUS

Amarilda Egas de Sá¹

RESUMO

A aprendizagem ressignificada diante do ensino híbrido tem se destacado como uma abordagem inovadora e eficaz no cenário educacional atual. Com a integração de métodos tradicionais e recursos tecnológicos, os educadores têm a oportunidade de oferecer experiências de aprendizagem mais dinâmicas e personalizadas aos alunos. A flexibilidade do ensino híbrido permite a combinação de aulas presenciais e online, promovendo a autonomia dos estudantes e estimulando a colaboração em um ambiente virtual enriquecido. Nesse contexto, este estudo, de natureza bibliográfica, se presta a investigar a adaptação dos professores e a incorporação de ferramentas digitais essenciais nas aulas híbridas para potencializar o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos e preparando-os para os desafios pós-coronavírus. Os resultados revelaram que a aprendizagem ressignificada no contexto do ensino híbrido representa uma mudança significativa na forma como concebemos a educação, incentivando a inovação e a criatividade para promover um aprendizado significativo e duradouro.

Palavras-chave: Aprendizagem; Ensino Híbrido; Ferramentas Digitais.

ABSTRACT

Reframed learning in the face of blended learning has stood out as an innovative and effective approach in the current educational scenario. With the integration of traditional methods and technological resources, educators have the opportunity to offer more dynamic and personalized learning experiences to students. The flexibility of blended learning allows for the combination of face-to-face and online classes, promoting student autonomy and fostering collaboration in an enriched virtual environment. In this context, this study, of a bibliographic nature, lends itself to investigating the adaptation of teachers and the incorporation of essential digital tools in hybrid classes to enhance the cognitive and socio-emotional development of students and preparing them for post-coronavirus challenges. The results revealed that reframed learning in the context of blended learning represents a significant change in the way we conceive of education, encouraging innovation and creativity to promote meaningful and lasting learning. Keywords: Learning; Blended Learning; Digital Tools.

¹ Mestra em Ciência da Educação(Universidade Interamericana- Assunção/Paraguai) em 2022(aguardando revalidação do Diploma), Especialista em Educação, Saúde e Saberes Tradicionais(Universidade do Estado do Amazonas- UEA) em 2018, especialista em Psicopedagogia Institucional pela FAIBRA- Faculdade Integrada do Brasil (2014). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA em 2012



INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais de informação e comunicação têm chegado à vida social, provocando um impacto cada vez mais amplo e intenso nas diferentes áreas das operações bancárias na vida doméstica, desde a política às relações interpessoais, desde o mundo do trabalho ao lazer. Não é apenas uma mudança de natureza operacional, mas afeta a nossa forma de construir e acessar o conhecimento, a nossa forma de nos relacionarmos, as nossas subjetividades, atitudes e comportamentos.

Nesse sentido, Almeida (2018) afirma que na convergência dos espaços presenciais e virtuais, surgem novas formas de expressar pensamentos, sentimentos, crenças e desejos, através de uma diversidade de tecnologias e linguagens midiáticas que são utilizadas para interagir, para criar, para estabelecer relações e para aprender. Estas mudanças exigem participação e colaboração, exigem uma postura crítica em relação à tecnologia, exercem influência na cultura e levam ao desenvolvimento da chamada cultura digital.

Há um número crescente de pessoas e grupos socioculturais que são afetados por estes processos. Muitos especialistas consideram as crianças e os jovens como nativos digitais, porque são a primeira geração que cresceu com a Internet, utilizando meios digitais e acessando recursos da web. Essa realidade afeta os processos educativos e as culturas escolares, pois, como afirma Pischetola (2016), de repente, a escola deixou de ser o primeiro lugar de aprendizagem. Pelo contrário, afasta-se cada vez mais do mundo do aluno, que parece dominar uma língua aprendida espontaneamente, uma língua desconhecida do professor. Assim, a relação tradicional entre professor e aluno é subvertida, causando desconforto.

Nos últimos anos, muitos programas e experiências foram realizados em sistemas educacionais que tentaram abordar esta questão e promover a inclusão digital. Neste artigo vamos nos referir a uma das propostas: o ensino híbrido – expressão traduzida do inglês *blended learning* – por considerá-lo uma perspectiva ampla que pode oferecer diversas alternativas e suscitar inúmeras preocupações. Assim, almeja-se investigar a adaptação dos professores e a incorporação de ferramentas digitais essenciais nas aulas híbridas para potencializar o



desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos e preparando-os para os desafios pós-coronavírus.

ENSINO HÍBRIDO: O QUE É? COMO SE FAZ?

O ensino híbrido ou *blended learning* caracteriza-se por ser uma metodologia ativa e por promover uma articulação entre o ensino presencial e as propostas de ensino online, com as quais as tecnologias acabam sendo integradas ao currículo escolar. O conceito de ensino híbrido foi criado em 2008, em Harvard, por Michael Horn, em um trabalho chamado *Disrupting Class: How Disruptive Innovation Will Change the Way the World Learns*, co-escrito com Clayton Christensen. O livro aborda o nascimento de uma nova forma de fazer educação. Horn também foi cofundador do *Instituto Innosight*, que, em 2013, passou a se chamar *Instituto Clayton Christensen*.

No seu sentido original, o termo “híbrido” está ligado precisamente àquela dualidade de possibilidades que a escola inclui e aos espaços externos que podem ser utilizados para a aprendizagem através da tecnologia, como mediação fundamental nesse processo. Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), o definem como um programa de educação formal em que um aluno aprende através de instrução on-line, com algum elemento de controle do aluno sobre o tempo, local, maneira e/ou ritmo de estudo, e através de instrução presencial, na escola.

Híbrido, segundo Moran (2015), significa misto, mesclado. Híbrido é um conceito rico e complexo. O ensino é híbrido porque todos somos alunos e professores, consumidores e produtores de informação e conhecimento. No ensino híbrido, quando integramos diversas áreas do conhecimento, metodologias, com desafios, atividades, projetos, jogos, grupais e individuais, colaborativos e personalizados, ocorrem vários tipos de misturas de conhecimentos e valores.

No Brasil, o ensino híbrido está sendo difundido e promovido especialmente pela *Fundação Lemann*, ambas organizações sediadas em São Paulo, e que desenvolvem diferentes programas em articulação com redes públicas de ensino de diversas regiões do país e com escolas particulares. Seu objetivo é contribuir para a qualidade da educação e a formação de educadores.

Como em todas as metodologias ativas, o centro do processo educativo é o aluno e o desenvolvimento das suas possibilidades de aprendizagem. Este



modelo de educação formal caracteriza-se por combinar duas modalidades de ensino: *presencial*, que é o momento em que o aluno estuda em grupo com o professor ou colegas e em que se valoriza a interação e a aprendizagem coletiva e colaborativa; e o segundo momento, o *ensino online*, em que o aluno geralmente estuda sozinho, aproveitando o potencial das ferramentas virtuais, que podem inclusive salvar dados individuais do aluno sobre características gerais do seu momento de estudo (acertos, erros, correções automáticas). suas atividades, tempo total de estudo, conteúdos estudados, entre outros).

A metodologia desenvolvida por Christensen e Horn estabelece alguns modelos de ensino que propõem diferentes formas de organização da sala de aula – sempre considerando a inclusão de recursos digitais em pelo menos uma das etapas do estudo.

Em 2012, o *Instituto Innosight* publicou um artigo intitulado *Classificando o aprendizado combinado K-12*, que caracterizava a maioria dos programas de ensino híbrido que estavam surgindo naquela época no setor de educação básica nos Estados Unidos, e quais são os que estão atualmente sendo realizados. lugar no Brasil.

Os principais modelos são apresentados em quatro categorias. O *Modelo de Rodízio* é aquele em que, dentro de um curso ou disciplina, os alunos se revezam para cada modalidade de ensino. Possuem guia de estudo fixo ou a critério do professor e uma das modalidades de ensino é online. Outras modalidades podem incluir atividades como trabalhos em pequenos grupos ou cursos completos, tutoriais individuais e trabalhos escritos individualmente.

O *Modelo de Rotação* possui quatro submodelos: Rotação Sazonal, Rotação Laboratorial, Classe Invertida e Rotação Individual. O modelo de *Rodízio Sazonal*, também chamado por alguns de Rodízio de Curso ou Rodízio de Turma, é aquele em que os alunos se revezam em espaços específicos dentro do ambiente de sala de aula. O modelo *Laboratório Rotativo* é aquele em que ocorre a rotação entre a sala de aula e um laboratório de aprendizagem online.

O modelo *Flipped Class* consiste em estudar os aspectos conceituais de um tema em casa, por meio do uso de tecnologias digitais, e deixar espaço na sala de aula para discussões, resolução de problemas, entre outras atividades.



O modelo de *Rodízio Individual* difere dos demais modelos de rodízio porque cada aluno possui um guia de estudos individualizado e não é necessária a participação de todos em todas as estações ou modalidades disponíveis.

O *Modelo Flex* é aquele em que o ensino online é a espinha dorsal da aprendizagem dos alunos, embora também haja momentos de atividades offline. Os alunos seguem um guia fluido adaptado individualmente às diferentes modalidades de ensino, e o professor responsável partilha o espaço com eles.

O *Modelo a La Carte* é aquele em que os alunos participam de um ou mais cursos ministrados de forma totalmente digital, com professor online responsável, e ao mesmo tempo continuam tendo experiências educacionais presenciais em escolas regulares. Os alunos podem participar de cursos on-line tanto nas unidades escolares quanto fora delas.

O *Modelo Virtual Enriquecido* é uma experiência escolar completa em que, dentro de cada disciplina (por exemplo, matemática), os alunos dividem seu tempo entre uma unidade escolar física e o ensino remoto com acesso a conteúdos e aulas online.

Christensen, Horn e Staker (2013) criaram uma classificação para as diferentes modalidades de ensino híbrido, que chamam de inovações híbridas sustentadas. Estas preservam algumas características do ensino considerado tradicional e, também, inovações híbridas disruptivas que rompem com as particularidades mais comuns da escola atual. Desta maneira, Os modelos de Rotação Sazonal, Laboratório Rotacional e Classe Invertida seguem o modelo de inovações híbridas sustentadas. Eles incorporam as principais características tanto da aula tradicional quanto do ensino online. Contudo, os modelos Flex, A La Carte, Virtual Enriquecido e Rotação Individual estão sendo desenvolvidos, em relação ao sistema tradicional, de forma mais disruptiva.

APARECIMENTO GENERALIZADO DO ENSINO HÍBRIDO

Foi confirmado em diversas fontes e por autores como, Ignite (2020) para a América Latina; Tobar, (2021) no Equador; Infante (2022) também no Equador; Veracruzana (2023) no México; Galileu (2023) na Guatemala; e Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) no Brasil, que a educação híbrida busca gerar uma nova forma de aprender, ou seja, é um modelo de instrução que entrelaça elementos



da aula presencial e do aprendizado online. Onde procuramos aproveitar as possibilidades que a Internet abriu para proporcionar a cada aluno uma experiência mais personalizada de acordo com as suas necessidades.

Mas como já foi demonstrado, embora não seja o mesmo que conhecemos hoje, o ensino híbrido não tem origem na última década, é anterior e foi implementado experimentalmente em países como Espanha com a *Universidad Nacional a Distancia* fundada em agosto de 1972. Contudo, o seu reconhecimento e revitalização pela sua generalização é mais recente e a sua sistematização prática deve-se à crise sanitária provocada pela COVID-19. Embora esta pandemia tenha forçado a assunção desta nova dinâmica na educação, a sua estrutura e suporte é possível graças às Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas à educação. Torna-se então uma trilogia que emerge uma espécie de novo paradigma de educação, a modalidade híbrida.

Conforme afirma Rama (2021), os componentes tecnológicos, especialmente digitais e de comunicação, tornaram-se no contexto atual o fator mais dinâmico da inovação educativa (devido às tarefas programadas, aos recursos de aprendizagem, ao acesso, à simulação, à sincronia etc.), e promovem um novo paradigma educativo com abordagens diferenciadas. instituições, atores e lógicas educacionais e econômicas.

Contudo, para os autores, é evidente que a componente não só dinâmica, mas também disruptiva na configuração deste paradigma, foi o aparecimento da COVID-19, juntamente com as necessidades que trouxe consigo para o campo educativo. Tudo isso leva a declarar que os componentes ou condições de origem que fazem surgir o novo paradigma da educação híbrida são os seguintes: Educação a Distância antecedente de fundação histórica, fortalecimento e utilização das TIC na educação, chegada da COVID-19 e geração de necessidades educacionais.

EFEITOS DA COVID-19 E SEU IMPACTO NA EDUCAÇÃO COMO PARTE DA DINÂMICA EMERGENCIAL DO ENSINO NA MODALIDADE HÍBRIDA

Como afirma Viltre (2022), o coronavírus foi sem dúvida um divisor de águas a nível global. Seu impacto negativo gerou uma paralisação global de todas as atividades presenciais, o que não ocorreu na mesma intensidade ou



horário nas regiões. Mas sem dúvida, em alguns cantos esta crise sanitária que colocou a educação internacional em estado de emergência não teve impacto.

Como exemplos que apoiam esta ideia, pode-se levantar o fato de apenas cinquenta e um países manterem o ensino presencial a tempo inteiro, enquanto em mais de noventa os alunos recebiam formação através de múltiplas modalidades, com algumas escolas abertas, outras fechadas e muitas oferecendo opções híbridas, de acordo com o *COVID-19 Global Education Recovery Tracker* e publicado na *Europa Press International* (2021).

A nível nacional brasileiro, desde as transformações educativas de anos atrás onde a utilização de videoaulas, a utilização da TV e de software educativo foram sistematizadas como parte de uma situação difícil de cobertura docente. Por outro lado, o tema vem crescendo nos últimos dois anos e podem ser citadas pesquisas publicadas por Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015). Logo, depende-se que este novo modelo de ensino-aprendizagem foi adotado, infelizmente, nas Universidades. Portanto, seria importante que o Ministério da Educação conseguisse a integração deste modelo de ensino nos alunos através da integração da tecnologia nas metodologias existentes ou da criação de novas que condicionem a sua implementação efetiva.

Pode-se dizer que a educação híbrida veio para ficar e que, embora tenha evoluído rapidamente nos últimos quatro anos, a realidade atual está bastante distante das suas características iniciais. Tudo isto se deve em parte, sobretudo, ao acesso, ao conhecimento, à gestão e à disponibilidade técnica e tecnológica que cada país ou contexto educativo tem associado às TIC; ou ainda pela distribuição per capita de computadores por aluno, pela disponibilidade de conexão Wi-Fi ou por dados de grupos populacionais ou pela posse ou não de laptop ou smartphone.

Esses elementos estratificam, diversificam e dificultam a forma de ensinar e aprender na modalidade híbrida, por aprofundarem as diferenças existentes entre o que pode ser ensinado e o que pode ser aprendido com a posse tecnológica, de fato, a tecnologia vem à tona, se não suplantando o papel do professor, se for mediadora entre ele e o aluno.

Há alguns anos era quase inimaginável um aluno colaborar com outro que morasse do outro lado do mundo. Hoje, alunos de diferentes centros educacionais podem compartilhar conhecimentos, trocar projetos e trabalhar em equipe.



Este é o próprio conceito da rede social: promover a socialização dos usuários. As vantagens das redes sociais incluem: Incentivar a participação, Encontrar recursos online, Desenvolvimento de competências (criatividade, colaboração ou comunicação), Competências tecnológicas, Acessibilidade e baixo custo.

O LUGAR DO PROFESSOR NO ENSINO HÍBRIDO

A utilização de tecnologias digitais em situações de ensino e aprendizagem não é algo que acontece da noite para o dia. Alguns estudos mostram que se trata de um movimento gradual, processual, que ocorre em diferentes etapas até chegar à ação crítica e criativa por parte dos professores, que acabam integrando as tecnologias digitais em sua prática cotidiana. A mudança no papel do professor, dentro desse processo, visa a busca de estratégias que, ao serem incorporadas às aulas tradicionais, potencializem o protagonismo do aluno numa postura de construção do conhecimento, com o uso integrado das tecnologias digitais (BACICH, 2018).

Inovar requer disposição. Essa é uma habilidade importante que o professor precisa ter para utilizar a tecnologia de forma pedagogicamente intencional em um modelo híbrido. É preciso saber aliar atividades presenciais que estimulem a colaboração entre os alunos, bem como a valorização e humanização da relação professor/aluno, com atividades virtuais em que o jovem estuda sozinho, utilizando ferramentas digitais. É importante lembrar que a tecnologia é uma aliada e que o aprendizado pode ocorrer a qualquer hora, em qualquer lugar e de inúmeras maneiras. O professor, porém, precisa definir como essas ferramentas podem auxiliar positivamente a aprendizagem de seus alunos. O professor não pode esquecer que o planejamento é fundamental no ensino híbrido e que as tecnologias utilizadas devem ser escolhidas com base em objetivos pedagógicos bem definidos (LIMA; MOURA, 2015).

No ensino híbrido, as práticas de explicação de temas específicos são competências pouco utilizadas pelos professores. A ação do professor tem mais a ver com a tutoria. É capaz de identificar problemas e agir com foco na individualização e personalização do ensino. Como destacam Lima e Moura (2015), essa mediação é uma habilidade pouco explorada na prática docente e a tecnologia permite ao professor passar instruções online e trabalhar propostas



inovadoras em sala de aula. Uma das práticas que está intimamente ligada aos modelos híbridos é a abordagem de conteúdo baseada em projetos. Isso, além de ser muito mais atrativo e envolver mais os alunos, potencializa o desenvolvimento de competências não cognitivas, como criticidade e colaboração (p. 94).

Outro aspecto que os mesmos autores destacam, e que facilita a metodologia de ensino híbrida, é o acompanhamento do domínio de competências através de plataformas adaptativas, programadas para identificar o desempenho cognitivo dos alunos em determinadas disciplinas. Essas plataformas usam dados para promover instrução com feedback e correção em tempo real. Os dados acumulados personalizam o conteúdo que fica à disposição do aluno e geram relatórios de acompanhamento para o professor.

Projetos pedagógicos inovadores conseguem conciliar, na organização curricular, espaços, tempos e propostas que equilibram a comunicação pessoal e colaborativa, presencial e online. Como afirma Moran (2015), o papel ativo do professor como traçador de caminhos, de atividades individuais e grupais, é decisivo e ele o faz de uma forma diferente. O professor torna-se cada vez mais gestor e guia de caminhos coletivos e individuais, previsíveis e imprevisíveis, numa construção mais aberta, criativa e empreendedora. O que a tecnologia oferece hoje é a integração de diferentes espaços e tempos. A articulação nos processos de ensino e aprendizagem entre os mundos presencial e digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, o impacto dos meios digitais de informação e comunicação tem se ampliado, têm avançado cada vez mais e têm afetado as diversas áreas da vida social. No entanto, o acesso e a navegação online ainda são muito desiguais entre nós, tanto em relação às diferentes áreas geográficas, como em relação aos vários assuntos socioculturais. Promover a inclusão digital constitui um grande desafio e somos chamados a favorecer processos que permitam uma maior democratização em relação ao acesso à internet, às plataformas e aos dispositivos digitais.

Essa desigualdade também está presente no campo educacional. Os sistemas educacionais e as escolas oferecem possibilidades diferenciadas para o desenvolvimento de programas que sigam essa perspectiva. Seja qual for o



projeto que pretendemos realizar, desde a sala de aula até aos sistemas de ensino, precisamos de ter presentes as condições específicas dos sujeitos relativamente ao acesso aos meios digitais de informação e comunicação.

É também essencial que nos perguntemos que concepção de educação queremos promover. Se nos colocarmos numa perspectiva crítica em que a educação procura contribuir para a construção de sociedades democráticas e justas, as opções e estratégias que escolhemos devem harmonizar-se com essa intenção. Além disso, outro componente fundamental é ter em mente os sujeitos envolvidos, bem como suas características sociais e culturais. As culturas infantis e juvenis apresentam configurações novas e diferenciadas. Como educadores somos chamados não só a conhecer e escolher os dispositivos digitais já disponíveis, mas também a favorecer processos de criação de estratégias e dispositivos multiculturalmente referenciados este é um grande desafio.

Questionar e superar o *formato escolar* (DUBET, 2011) dominante na sociedade e nas culturas escolares é outro aspecto de grande complexidade e urgência. O chamado ensino frontal está fortemente enraizado nos processos educativos. Nos primeiros anos de escolaridade tem menor incidência e a dinâmica da turma é mais plural. Mas a partir da segunda etapa do ensino fundamental, e no ensino médio, esse tipo de ensino passa a ser predominante e prevalece na maioria das escolas.

O ensino híbrido tem a característica de questionar e superar essa tendência. Apresenta-se como uma metodologia ativa, focada nos alunos e potenciando as articulações entre o presencial e o online. Vale lembrar que as tentativas de desenvolvimento de metodologias ativas não são novidade no campo pedagógico, pois foram amplamente difundidas, principalmente a partir de meados do século XX, com o conhecido movimento Escola Nova. Desta forma, é importante levar em conta a afirmação de Sacristán (2002) sobre a diferença na educação, pois consideramos pertinente aplicá-la à questão das metodologias ativas, pois não é aconselhável anunciar estes problemas como se fossem novos, nem os lançar como modismo, pois isso pode causar perda de memória, bem como descontinuidades nas lutas pela mudança de escola.

Na verdade, são inúmeras as propostas de metodologias ativas: centros de interesse, metodologia de projetos, técnicas baseadas em Freinet, Piaget, Montessori, educação personalizada etc. Foram muitas experiências que foram



realizadas e que deram certo. O que devemos perguntar-nos é por que razão não permanecem sistematicamente e permanentemente incorporados nas escolas e nos sistemas educativos. Acontece que há um período em que eles são trabalhados intensamente, mas depois vão enfraquecendo gradativamente. Isto leva-nos a refletir sobre a importância de colocar propostas de inovação na educação escolar, em coordenação com diferentes componentes da cultura escolar: organização do espaço e do tempo, desenho curricular, infraestrutura escolar, formação de professores, formas de seleção e contratação de professores, expectativas de famílias e sociedade em relação às escolas, entre outros.

Problematizar a cultura escolar dominante exige capacidade pedagógica e de gestão, bem como um compromisso social e político que permita afirmar uma educação que responda aos desafios do momento e que esteja comprometida com a formação de cidadãos não apenas reflexivos, mas também mobilizadores ativos e defensores dos processos de transformação social.

Nesse sentido, o papel dos professores é fundamental. Para isso, é necessário que tenham formação inicial adequada e que participem de processos de formação continuada, principalmente dentro da própria escola, de forma sistemática. É necessário também promover políticas que melhorem as condições de trabalho dos professores para que, desta forma, haja maior dedicação e o trabalho coletivo seja favorecido.

Os meios digitais de informação e comunicação têm grande potencial para mobilizar processos de reinvenção escolar. Os educadores são os agentes fundamentais para que seja possível avançar na construção de culturas escolares mais inclusivas, criativas, críticas e democráticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. B. In: BACICH, L., MORAN, J. (orgs) **Metodologias Ativas para uma educação Inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Pen-sei, 2018.



BACICH, L. Formação continuada de professores para o uso de metodologias ativas. In: BACICH, L., MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**. Porto Alegre: Penso, 2015.

CHRISTENSEN, C.; HORN, M. B.; STAKER, H. **Ensino Híbrido**: uma inovação disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos. Clayton Christensen Institute. Fundação Lemann e Instituto Península, 2013.

DUBET, F. Mutações Cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 16(47), 289-322, maio/ago, 2011.

EUROPA. Europa Press International. **Solo 51 países tienen educación presencial por completo debido a la pandemia**, 2021.

GALILEO, U. **La educación superior es híbrida y estos son sus beneficios**, según expertos, 2023.

IGNITE, P. **Educación híbrida, el nuevo modelo de aprendizaje en la nueva normalidade**, 2020.

LIMA, L.; MOURA, F. O professor no ensino híbrido, In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, J. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, página, In: BACICH, L., TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Pensei, 2015.

PISCHETOLA, M. **Inclusão Digital e Educação**: uma nova cultura de sala de aula. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, 2016.



RAMA, C. La nueva educación híbrida. **Cuadernos de Universidades**. Ciudad de México: Unión de Universidades de América Latina y el Caribe, 2021.

SACRISTÁN, J. A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas, In: ALCULDIA, R. et alii: **Atenção à Diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOBAR, C. Modalidad híbrida: qué es y cómo navegar por ella. **Revista Para el Aula - IDEA** - 39. 29-30, 2021.

VERACRUZANA, U. **Educación híbrida**. Enfoque Pedagógico, 2023.